

Arte e imagem

Oneness – um caso de interatividade

Aline Weber



Foto tirada pela autora com uso de dispositivo móvel – iPhone em visita à exposição Oneness – CCBB-Rio-2011

A ideia de interatividade está presente em quase tudo que nos cerca hoje. A TV é interativa, o brinquedo é interativo, o rádio é interativo, o aparelho eletrônico é interativo, como se o que não fosse interativo carecesse de um valor agregado. É um slogan, que funciona tanto na indústria quanto na academia (PRIMO, 2000). A interatividade está na moda, pois muitos são os seus usos.

A sociedade em rede nos convida à interatividade, tanto na perspectiva de que cada um pode fazer por si, quanto na perspectiva da criação coletiva. Desta maneira, as mídias pós-massivas caracterizam-se pelas trocas bidirecionais de mensagens, favorecendo a constituição do estar em rede, intensificando processos de conversação, de comunicação, onde qualquer praticante pode criar e publicar informação. Esse aspecto social da troca simbólica ocorre com as interações advindas da colaboração e principalmente do princípio da interatividade.

Segundo Silva (1998), o conceito de interatividade é recente e vem ao encontro a uma nova dimensão conversacional, expressa num de seus princípios, o binômio bidirecionalidade-hibridação, onde a noção de coautoria está presente. Tal concepção vem da pop art, caracterizada pela fusão sujeito-objeto, como por exemplo, os parangolés de Hélio Oiticica , onde o espectador interfere, modifica e co-cria a obra com o artista.

Há no binômio bidirecionalidade-hibridação um contexto dialógico que liga ator-obra-espectador, na qual a tríade formada por um triângulo dá lugar a um círculo, fazendo com que as posições ocupadas sejam constantemente redefinidas. Assim, existe a possibilidade de que o espectador abandone a sua posição de mero observador e participe da criação da obra.

É nessa mesma perspectiva que a exposição intitulada Oneness, que significa unidade em Português, da artista Mariko Mori, exposta no Centro Cultural Banco do Brasil, no Rio de Janeiro, em 2011, se insere. A obra representa um círculo com seis figuras alienígenas que interagem com os espectadores através de um toque, por meio do qual há troca de energia, atingindo a obra seu momento final quando todos estão unidos e iluminados. O público não é um mero espectador, faz parte da obra de forma que só por meio da ação humana a obra atinge seu significado.

Nesse sentido, o conceito de interatividade vai para além do conceito de interação, onde existe uma separação entre quem emite e quem recebe a mensagem. O conceito de interatividade transcende o conceito de interação, pois não há uma dicotomia entre recepção e emissão, já que os dois pólos se comunicam num sentido multidimensional.

Nesta exposição de Mariko Mori percebemos o que Silva (1998) compreende por interatividade, a presença do binômio bidirecionalidade-hibridação, uma vez que sem a participação e co-criação do público junto à obra não haveria a possibilidade de construção e compartilhamento de sentidos.

REFERÊNCIAS

- **PRIMO, Alex. Interação mútua e reativa: uma proposta de estudo. Revista Farmecos. Jan. 2000, n.12, p. 81-92.**
- **SILVA, Marco. Que é interatividade. Boletim técnico do Senac, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, maio/ago. 1998. p. 27-35.**

Sobre o(a) autor(a):

Mestre em Educação pelo Proped/UERJ, especialista em Mídia Educação pela PUC-Rio, Coordenadora Pedagógica do EFII do Colégio São Paulo - Rio